

A diáspora como instrumento político: a imprensa árabe no Brasil na primeira metade do século XX

Guilherme Oliveira Curi¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a produção intelectual dos imigrantes árabes no Brasil através das mídias impressas publicadas por esta comunidade na primeira metade do século XX e identificar o perfil político presente nestes periódicos. A partir de um pesquisa histórica e bibliográfica, oriunda de um trabalho de tese em Comunicação e Cultura, e de análises realizadas por outros pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, este texto busca também traçar e interpretar a partir de um olhar científico comunicacional as formas pelas quais estes imigrantes transformaram e, principalmente, representaram discursivamente a experiência migratória na diáspora através da mídia impressa. Os intelectuais árabes que aqui permaneceram são, em grande maioria, provenientes da Grande Síria e foram influenciados diretamente pelos ideais do Renascimento da arte e da cultura árabe, a *Al Nahda*. Logo, neste período, formaram novas redes de comunicações transnacionais que simultaneamente tratavam de questões de cunho político em seus países de origem e serviam como veículos de socialização nos novos espaços urbanos locais.

Palavras-chave: comunicação; Migrações Transnacionais; história da mídia; diáspora árabe moderna.

The diaspora as political instrument: the Arab press in Brazil in the first half of the 20th century

Abstract

This article aims to describe and analyze the intellectual production of Arab immigrants in Brazil through the printed media published by this community in the first half of the 20th century and to identify the political shape present in these

¹ Pós-doutorando Capes/PrInt e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-Pós/UFRJ), Mestre em Sociologia pela University College Dublin (UCD), Irlanda. Pesquisador dos Grupos de Pesquisa Usos Sociais da Mídia (UFSM), Diaspotics (Migrações Transnacionais & Comunicação Intercultural) e Comunicação em Rede, Identidades e Cidadania (MigraIdh/UFSM).

journals. Based on a historical and bibliographic research, originating from a thesis work in Communication and Culture, and from analyzes carried out by other researchers from different areas of knowledge, this text also seeks to trace and interpret the forms by which these immigrants transformed and, mainly, discursively represented the migratory experience in the diaspora through the printed media. The Arab intellectuals who stayed here, the most part from Greater Syria, were directly influenced by the Renaissance ideals of Arab art and culture, *Al Nahda*. Therefore, in this period, they formed new transnational communications networks that simultaneously dealt with political issues in their countries of origin and served as vehicles for socialization in the new local urban spaces.

Keywords: Communication; Transnational Migration; Media history; Modern Arab diaspora.

Introdução

A diáspora² árabe moderna nas Américas tem sua primeira grande leva migratória iniciada a partir do final do século XIX e começo do século XX, composta, em sua maioria cristãos, da região do Levante, na época, também chamada de Grande Síria, onde, hoje, estão localizados Síria, Líbano, Jordânia, Palestina e Israel, que viviam sob o governo do Império Turco Otomano e lutavam por sua independência.

Na literatura vigente é possível constatar que os momentos de maior fluxo de imigrantes árabes para o Brasil aconteceram entre os anos 1904 e 1914, no período das tensões anteriores à Primeira Guerra Mundial (Knowlton, 1961; Lesser, 2000; Khatlab, 2002; Truzzi, 2008; Pinto, 2010; Meihy, 2016). Após a interrupção causada pelos conflitos mundiais, o fluxo migratório ganhou novamente intensidade entre 1920 e 1926, período de instabilidade no Oriente Médio devido à instalação do mandato francês sobre a Síria e o Líbano, algo que irá influenciar na produção midiática política na diáspora, como veremos neste artigo. Em seguida, ao longo da década 1930, após a adoção de um sistema de cotas de imigração para cada nacionalidade determinada pelo governo brasileiro de Getúlio Vargas, a imigração árabe declinou significativamente, para somente voltar a crescer nos anos de 1950, devido, principalmente a ocupação israelense em terras palestinas e a criação do Estado de Israel, em 1948.

² Organização Internacional para as Migrações (OIM) conceitua diáspora como qualquer pessoa ou população étnica que abandona a pátria tradicional da sua etnia, estando dispersa por outras partes do mundo.

Destarte, Edward Said (2011), ao analisar relação entre a cultura na diáspora e as nações colonizadas, aponta que “as narrativas de emancipação e esclarecimento, em sua forma mais vigorosa, também foram narrativas de integração, não de separação, histórias de povos que tinham sido excluídos do grupo principal”, (SAID, 2011, p. 31) mas que agora lutavam por um lugar dentro dele. Em outras palavras, elucida o autor que se as ideias “habituais do grupo principal não tinham flexibilidade ou generosidade suficiente para admitir novos grupos, então elas precisavam mudar, o que é muito melhor que repudiar novos grupos” (ibidem). Logo, entendemos que a formação da imprensa sírio-libanesa no Brasil não pode ser compreendida de maneira apartada da própria história da Síria e do Líbano e sua profunda e intensa relação com a trajetória brasileira e todo contexto político, social e cultural do último século, um dos principais pontos a serem discutidos neste texto.

Isto posto, ao atentarmos para a trajetória da literatura moderna árabe contemporânea e para o Renascimento Árabe moderno - *Al-Nahda* -, observamos, com surpresa e fascínio, que um de seus momentos mais decisivos desdobra-se na América Latina, mais precisamente no Brasil na primeira metade do século XX.

Ainda, além de pensar a imigração desses indivíduos somente de forma funcional e prática, ou seja, força de trabalho igual à mão-de-obra, faz-se necessário compreender que boa parte dos árabes, que aqui aportavam, traziam consigo também a ânsia por mudanças políticas e sociais tanto em sua terra natal como no país de chegada. Abdelmalek Sayad, aponta que o imigrante, na maioria das vezes é concebido essencialmente como uma força de trabalho, ou seja, “uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (1998, p.54). Para ele, a autonomia cultural do imigrante somente existirá caso ele se torne força de trabalho, do contrário, na maioria das vezes, será no mínimo mal visto pela sociedade receptora, ou, nas palavras de Sayad, “ser imigrante e desempregado é um paradoxo” (1998, p. 55). No entanto, o que propomos aqui é avançar na discussão e justamente atentar para o fato que muitos dos imigrantes árabes que aportaram no Brasil eram instruídos, pertencentes até mesmo a certa elite política e intelectual do mundo árabe, com ampla capacidade para transformar em formas discursivas seus anseios ideológicos políticos, com a intenção de continuar a produção intelectual que já acontecia principalmente no Levante e no Egito, berço do arabismo, o movimento cuja premissa ideológica central é que os povos do mundo árabe constituem uma só nação unida por um património linguístico, cultural, religioso e histórico *comum* (CURI, 2018). Ou seja, um movimento que visa a unificação política dos povos de língua árabe, que se opôs,

principalmente no começo do século XX em diante, ao colonialismo e à política ocidental de intervencionismo.

Nesse contexto, observamos que o Brasil passa a ser percebido como a terra ideal para uma nova forma de vida na qual a imigração desempenha papel fundamental e, até mesmo, imprescindível para a sobrevivência e desenvolvimento da *Al-Nahda*. No entanto, ao desembarcarem nos portos brasileiros, os árabes depararam-se com um universo cultural no qual já circulavam algumas representações sobre quem eles eram e qual seria o lugar possível na sociedade brasileira, repleto de estereótipos e estigmas.

Logo, através da mídia impressa e da literatura, esses imigrantes encontraram um meio de desconstruir tais imagens estigmatizadas e percepções muitas vezes equivocadas sobre sua própria cultura, além de continuarem produzindo intelectualmente, um prolongamento do Renascimento árabe que tinha como objetivo não somente discutir as questões políticas, sociais e culturais dos países de origem, mas também promover um novo projeto de civilização, a reconstrução da identidade árabe que, em última instância, contribui também para formação da própria identidade brasileira contemporânea.

Portanto, o objetivo principal deste artigo é descrever e analisar a produção intelectual dos imigrantes árabes no Brasil através das mídias impressas publicadas por esta comunidade na primeira metade do século XX e identificar o perfil político presente nestes periódicos. Ou seja, busca-se aqui descrever e analisar as maneiras pelas quais os imigrantes árabes no Brasil transformaram e representaram discursivamente a experiência migratória na diáspora através de uma extensa produção de mídias impressas neste período.

Ainda, é necessário ressaltar, somente como pano de fundo e base metadológica para discussão proposta, sem pretensões de análises filosófico-políticas mais aprofundadas e complexas - pois este não é objetivo deste artigo - que o conceito de política proposto é, majoritariamente, oriundo da obra *O Desentendimento (La Mésentente)* de Jacques Rancière (2018), na qual o autor sustenta que a política existe apenas como subjetivação “da parte dos sem parte”. Ou seja, para o autor, a política seria a “esfera da atividade de um comum que só pode ser litigioso” (RANCIÈRE, 2018, p. 28). Em outras palavras, a política, segundo Rancière, existe quando a ordem da dominação, de existência, pode ser interrompida pela construção e consolidação de vozes de *uma parte dos sem parte*, ou seja, dos estrangeiros recém-chegados, ainda sujeitos às mais variadas situações de precariedade social e de pertencimento. Logo, sugerimos que torna-se difícil resistir à

tentação de ler a referência à “parte dos que não fazem parte”, de Rancière, através lentes das representações político-discursivas dos imigrantes árabes no Brasil no começo do século XX, como veremos a seguir.

As primeiras décadas da imprensa árabe no Brasil e as discussões políticas presentes na diáspora

A empreitada discursiva dos imigrantes árabes pode ser constatada na expressiva quantidade de materiais impressos no Brasil na primeira metade do século XX. Os números diferem de acordo com cada pesquisador. Segundo Jorge Sáfady (1972), um dos pioneiros a pesquisar o tema no país, em torno 160 títulos de jornais, livros, revistas, suplementos comemorativos e boletins de notícias, foram criados até a primeira metade do século XX. Já segundo Zeghidour, esse número é bem maior:

O movimento de imprensa iria estender-se a todo território brasileiro, constituindo um dos períodos mais férteis e mais ricos de toda a história da imprensa árabe [...] Ao todo, surgiram, de 1890 a 1940, cerca de 394 jornais, revistas e periódicos árabes [...] A imprensa árabe no Brasil era, à exceção de certos boletins “paroquiais”, laica e fortemente comprometida com a libertação dos países de origem. (ZEIGHIDOUR, 1982, p. 56)

5

Assim, o debate político, social e cultural, que acompanhava as polêmicas sobre a natureza nacional e civilizacional em diferentes regiões do Oriente Médio, tinha como arena principal a imprensa árabe migrante que começa a se desenvolver no Brasil. A cidade de São Paulo, reconhecida pelo alto número de migrantes, assistiu à fundação de quase 100 publicações árabe-brasileiras. No Rio de Janeiro, foram contabilizados 60, algumas dessas, disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional. Estima-se que mais de 300 jornalistas tenham trabalhado na construção desses veículos, sendo que muitos destes profissionais também exerciam outros tipos de profissões liberais.

O primeiro jornal árabe no Brasil, que durou apenas alguns meses, foi publicado em 1895, na cidade de Campinas, estado de São Paulo, sob o título de *Al-Faihá* (A Perfumada) apelido dado à cidade de Damasco, na Síria. Um ano após, em 1896, nas cidades de Santos, também em São Paulo, e Rio de Janeiro, surgem mais publicações (SAFADY, 1972; TRUZI, 2008). Já o primeiro jornal árabe-carioca foi o *Al-Rabiq* (O Observador), publicado neste mesmo ano, fundado por intelectuais libaneses formados na Universidade Americana de Beirute (SAFADY, 1972). Em 1900, segundo Truzzi (2008), na capital paulista, surgiu

um grupo literário denominado Ruwaq Al Ma'aria, fundado pelo jovem libanês Naum Labaki, que, mais tarde, retornaria ao Líbano para exercer funções parlamentares na luta pela independência do país. Um ano depois, em 1901, já existiam cinco jornais e, em 1915, contabilizam-se 18 periódicos. Muitos destes veículos utilizavam a titulação “Al Brasil”, numa clara demonstração de negociação política identitária desses imigrantes com o objetivo de se integrarem ao novo território, ou seja, serem aceitos e percebidos como integrantes dessa nova sociedade, mesmo enfrentando percalços e limites estabelecidos por esta mesma sociedade local.

Nessas duas primeiras décadas, período de nossa análise, o movimento da imprensa se estende por todo o território nacional, constituindo assim “um dos períodos mais férteis e mais ricos de toda a história da imprensa árabe” (ZÉGHDOUR, 1982, p. 56). Com efeito, em Manaus, em janeiro de 1912, é publicado o primeiro jornal árabe, o *Al Siham*. Já em Porto Alegre, aparece em 1909 o jornal *Al Fawaid*, e, em Belo Horizonte, surge o *Al Sawab*.

Destarte, encontra-se na Biblioteca Nacional um dos primeiros periódicos bilíngues, em árabe e português, publicados no Brasil, sob o título de *Al Ashmay*. Na primeira edição, datada de 1899, há um artigo em português, sem título na terceira página, no qual é possível identificar a explícita vontade dos recém-chegados de serem aceitos, incluídos e, acima de tudo, percebidos como uma nova comunidade aberta ao diálogo. Percebe-se assim um esforço discursivo de ressignificação da identidade cultural e também de quebra de estereótipos e estigmas ao se descrever o imigrante árabe não como alguém descontextualizado, que irá causar problemas sociais, mas sim capaz de produzir intelectualmente. Neste ponto, Hall (2003) traz uma fundamental observação ao salientar que o conceito fechado de diáspora, como o proposto pela OM, se apoia sobre uma concepção binária de diferença, “uma espécie de fronteira de exclusão, dependente da construção de um outro ou de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p.32). Segundo o autor, o conceito de *différance*, de Jaques Derrida, torna-se assim útil para uma melhor compreensão das diferentes diásporas pois atenta para um processo que não funciona através de “binarismos, fronteiras veladas que não separam [...], mas também lugares de passagem e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim” (HALL, 2003, p. 33).

Ainda, é válido ressaltar, cumprindo com um dos objetivos deste artigo, assim como nos lembra Rocha Pinto (2010), que a maioria das representações sobre os árabes que

estavam presentes na sociedade brasileira naquela época derivavam do orientalismo europeu, principalmente do orientalismo português, uma das referências utilizadas pelos intelectuais brasileiros para pensar as populações do Oriente Médio. Essa representação oscilava entre a caricaturização dos árabes como um povo indolente, irracional, inculto, e aquelas que os colocavam como uma das matrizes culturais da nação portuguesa, de capacidade intelectual e civilizada. É importante frisar que o sentimento, explicitado discursivamente, do imigrante árabe ser diferente e ao mesmo tempo semelhante era particularmente visível. Ou seja, a comunidade sírio-libanesa tinha mais a ganhar abraçando tanto uma nacionalidade brasileira, tal como imaginada, quanto suas novas etnias pós-migratórias e hifenizadas. Assim como nos lembra Lesser essas identidades eram “múltiplas e muitas vezes contraditórias, e os símbolos disponíveis para serem usados” (LESSER, 2000, p. 19).

Ainda, destacamos que os sírios e libaneses - que em si já eram culturas distintas em determinados sentidos - não era os únicos a emigrar para o Brasil no final do século XIX. Outras comunidades, entre elas a italiana, a portuguesa, alemã, a japonesa, a africana etc., também criaram jornais³. Tal fato reforça ainda mais a ideia de que estes periódicos serviram como plataformas de legitimação das identidades culturais e políticas de cada comunidade.

Logo nas primeiras décadas do século passado, de acordo com Truzzi, a grande maioria das revistas e jornais sírio-libaneses vinculados, com raras exceções, eram publicados em árabe e muitos fundados com o intuito de promover a independência da Síria e do Líbano. Em outras palavras, “eram quase periódicos militantes que procuravam acompanhar o desenvolvimento da política na terra de origem, posicionando em relação a ele”. (TRUZZI, 2008, p. 131), ponto central no debate proposto.

Isto posto, no decorrer das décadas, São Paulo consolida-se definitivamente como principal centro de letras árabes no país. Fato que acontecia paralelamente ao desenvolvimento da imprensa árabe no Rio de Janeiro, em menor escala, quando cerca de 50 jornais e revistas árabes foram publicados entre os anos de 1896 e 1950. Na virada do século XX, foram criados, no Rio de Janeiro, os jornais *Al-Saub* (A Razão), que circulou de 1900 a 1920, e o *Al-ADI* (A Justiça), entre 1901 e 1940.

³ Para tal, ver ESCUDEIRO, Camila. “O Rio de Janeiro dos imigrantes: páginas de uma cidade de muitos povos”. Rio de Janeiro: E-Papers, 2016.

A significativa quantidade de publicações produzidas pela comunidade árabe no Brasil, na primeira metade do século XX, pode ser constatada no expressivo número de periódicos encontrados no acervo da Biblioteca Nacional, um dos principais do país. Ao todo, estão disponíveis para consulta 17 periódicos, de diferentes vertentes e cidades, com especial atenção para dois jornais publicados na região norte do país, o *Abunuas*: órgão crítico árabe e o *Al-Amazon*, que demonstram, assim, a amplitude e a proliferação da imprensa sírio-libanesa em todo o país.

Sobre este ponto, salienta-se um fator chave para compreender essa difusão espacial: a figura do *Ahl al Kacha*, nome árabe que designa o grupo conhecido como povo da caixa ou o popular caixeiro-viajante, mascate, muito presente na trajetória da migração árabe no Brasil. Os jornais publicados acompanharam o caixeiro-viajante em suas andanças pelo país, “estabelecendo-se como uma espécie de escola circulante” segundo (SÁFADY, 1972, p. 281), possibilitando assim o acesso à informação para muitos imigrantes de regiões do interior, não somente sobre os acontecimentos do país de origem mas também relativos à vida estrangeira em outras regiões do Brasil, algo que motivou uma certa unidade identitária cultural e o consequente sentido de pertencimento comunitário étnico árabe/brasileiro/imigrante.

Isto posto, a partir da segunda década do século XX, os periódicos começam a expressar os diferentes projetos nacionalistas no Oriente Médio. Segundo Pinto (2010), as posições simpáticas à tutela da França sobre a Síria e o Líbano encontravam eco no jornal *Al-Hamra* (A Vermelha), fundado em 1913. O nacionalismo sírio era expresso no *Suria al-Jadida* (A Nova Síria) e o nacionalismo árabe em *Al-Tasahul* (A Tolerância), fundado em 1919. Essa intensa e ininterrupta relação com os acontecimentos que desenrolavam no Oriente Médio pode ser constatada na declaração do intelectual árabe-brasileiro Jorge Chediak, editor-chefe do jornal *Al-Tasahul*: “Fui o primeiro que proclamou *Al-Urubat* (‘O Arabismo’), o primeiro a proclamar a formação do Império Árabe, o primeiro que viu a necessidade de aproximação ao Islã e o primeiro que lutou até a morte contra a França” (SAFADY, 1972, p. 291).

Logo, muitos destes periódicos passaram a acompanhar todo o movimento político e social efervescente no Oriente Médio, em especial aqueles que antecederam a independência do Líbano, em novembro de 1943. De acordo com Meihy (2016), a partir do controle francês sobre a região, o desejo de construir um projeto de nação inspirado em valores ocidentais foi, aos poucos, perdendo espaço diante do crescimento de um

movimento político e literário voltado para construção de princípios culturais genuinamente libaneses e autônomos em relação aos franceses. Para a autor, isso não se traduzia em um repúdio veemente à influência cultural de Paris, mas representava sim a confirmação de que o Líbano era capaz de ser construído a partir de seus próprios valores. Ainda, segundo o historiador, essa nova fase da mídia impressa libanesa, que perpetuou nas primeiras décadas do Líbano independente, foi justamente marcada pela “exaltação das origens fenícias locais, o que distanciava o legado cultural do país de qualquer visão de subalternidade em relação aos árabes e ao arabismo” (MEIHY, 2016, p. 154).

Ainda, o nacionalismo libanês pôde ser constatado no jornal *Al-Ar zat* (Os Cedros), fundado em 1916, no Rio de Janeiro. Existiam ainda os jornais satíricos *Al-Fannus*, com publicações de caricaturas e charges. Além disso, a imprensa árabe também florescia em outras cidades do estado do Rio de Janeiro e do Brasil, assim como o jornal nacionalista sírio e anticlerical *Al-Fajr* (A Autora), fundado em 1911, em Campos (RJ), e o *Al-Libnan al-Kabir* (O Grande Líbano), de cunho nacionalista libanês, fundado em 1921, em Niterói (RJ), de acordo com Safady (1972).

9

O debate político presente na diáspora árabe

Não somente no Brasil que as manifestações políticas dos imigrantes árabes eram expressa através das suas próprias mídias. A historiadora americana Stacy Fahrenthold, a partir de um estudo detalhado sobre a produção dos imigrantes árabes nas cidades de Nova York, Buenos Aires e São Paulo, aponta que os jornalistas e ativistas políticos árabes, através da criação de periódicos e editoras nestas cidades criam uma nova narrativa de cunho nacionalista. Segundo ele, tais atividades influenciam, de maneira preponderante, na independência da Síria e do Líbano e em todo o processo que decorreu desde o final do século XIX. As discussões iniciais sobre a reforma política otomana transformam-se, nesse período, em um debate nacionalista efervescente, onde os imigrantes participam de forma decisiva no desenho das novas fronteiras e da própria definição discursiva das nações síria e libanesa. Em outras palavras, assim como observa Fahrenthold (2013), os intelectuais árabes construíram e definiram as comunidades nacionais sírias e libanesas nos jornais da diáspora, além também de desempenharem um importante papel na promoção da identidade cultural da própria comunidade, a partir da divulgação de ações institucionais, ligadas à caridade e ao ativismo político. Através dessas recém-formadas editoras, os partidos políticos pró-independência libanesa e síria publicavam cartas abertas à

comunidade, panfletos e livros escritos em árabe, francês, inglês, português e espanhol, o que proporcionava a leitura não somente da comunidade sírio-libanesa, mas também das comunidades locais, formando assim uma rede que cruzava continentes e que tinha suas próprias estruturas políticas, a diáspora como um instrumento político ativo.

Alguns desses jornais veiculavam, também, traduções da literatura europeia, biografias de escritores árabes e ocidentais, poesias e crônicas. Além disso, lembra a historiadora, estes veículos promoveram novos espaços de socialização comunitária migrante, como clubes literários, nos quais os jovens intelectuais reuniam-se semanalmente para discutir poesia, história e política. À medida que esses novos imigrantes fortaleciam-se financeiramente através do comércio, parte deste capital financeiro era utilizado para financiar causas e publicações nacionalistas no mundo árabe. Em Nova York, por exemplo, o ativista político e intelectual libanês Naum Um Mukarzil (1864-1932) subsidiou novos jornalistas libaneses para escreverem no periódico árabe *al-Huda*, vinculado ao partido político nacionalista/renascentista *Jamai alyat al-Nahda al-Lubnaniyya*.

A imprensa árabe em território estrangeiro era assim percebida como uma importante instituição política que fomentava as redes transnacionais em toda a diáspora árabe na América e facilitava a contínua circulação dos textos produzidos por seus intelectuais, pois, por meio de assinatura por correspondência, prática que cada vez mais se estabelecia no mercado jornalístico da época, as edições desses periódicos poderiam ser adquiridas por leitores/imigrantes de diversos lugares do mundo, principalmente na Europa e nos três continentes americanos.

Ainda, segundo a historiadora, jornais como o “*al-Majalla al-Tijariyya al-Suriyya alAmirkiyya*”, do intelectual libanês Sallum Mukarzil (1881-1952), em Nova York, além de vincularem questões de ordem política também “publicavam matérias sobre as oportunidades profissionais no novo continente, economia e mercado financeiro ligado à venda de algodão, café, tecido, tabaco e araq, bebida tradicional árabe”. (FAHRENTHOLD, 2013, p. 31, tradução nossa).

No entanto, é necessário ressaltar que o discurso nacionalista produzido por estes jornais era tudo menos consensual. Em terras estrangeiras, a imprensa era também um local de disputa simbólica, discursiva, onde os ativistas da diáspora se tornavam sírios ou libaneses. Ou seja, os símbolos nacionais, as narrativas históricas e a própria linguagem tornavam-se artifícios retóricos de sírios e libaneses dentro de um campo de disputa política e cultural tanto no Brasil quanto na Argentina e Estados Unidos.

Ao realizar esta pesquisa, Fahrenthold concluiu que a mídia árabe na diáspora do continente americano, durante o começo do século XX, produziu novos padrões de ativismo político e também canalizou os esforços sírios e libaneses para uma aliança complexa com a França às vésperas do mandato colonial, algo que estava sendo debatido intensamente na época e consolidou-se logo após a queda do Império Otomano. Além disso, o ativismo migrante árabe deixou um legado importante para o Levante no período de domínio francês, ao inaugurar conexões políticas duradouras entre os estados emergentes sírios e libaneses e suas populações emigrantes. Com isso, muitos ativistas/jornalistas, responsáveis pelas publicações, que na época viviam no exílio, retornaram ao Levante para ocupar importantes cargos administrativos. Já aqueles que permaneceram no exterior, também continuaram suas atividades políticas. No Brasil, de acordo com Truzzi (2008), ao final da Primeira Guerra, os periódicos árabes acompanharam a expulsão dos turcos, apostando na consolidação do Reino Árabe. Muitos imigrantes pretendiam retornar ao Líbano e à Síria. Entretanto, “traídos pela França e Inglaterra [...] a decepção foi enorme, com os periódicos mobilizados em denunciar a perfídia ocidental”. (TRUZZ, 2008, p. 132).

11

Com o passar dos anos, as revistas e os jornais aos poucos se modificaram e passaram a incorporar maior variedade de temas, noticiando fatos da comunidade sírio-libanesa em outras cidades, ao mesmo tempo que se tornaram bilíngues, como a Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes, um das principais revistas dos imigrante árabes no país baseada em São Paulo (Curi, 2018).

A Liga Andaluza nasceu na época em que o país “conhecia a febre do Modernismo em todos os campos da arte, e é inegável que os árabes que dele participaram tenham sentido a necessidade de transpor, se não a letra, pelo menos o espírito do movimento para a comunidade árabe” (ZÉGHIDOUR, 1982, p. 73), demonstrando assim uma intensa conexão com os movimentos artísticos e políticos que aconteciam no país.

Ainda, assim como também constatado por Fahrenthold, observamos que a maioria dos jornais e revistas no Brasil funcionaram como veículos de propaganda e relatos do dia-a-dia dos imigrantes sírio e libaneses, de espaços de manutenção da sociabilidade, de cunho político, tais como o Clube Homs e o Clube Sírio-Libanês, em São Paulo. Já outros serviram como veículos de propaganda e informação numa espécie de marketing de conteúdo étnico. É o caso dos boletins da tipografia *Al-Funun* e da livraria Farah, também em São Paulo, reforçando assim que a rede da nova cultura árabe na diáspora, cada vez mais, negociava sua identidade no cotidiano brasileiro.

Nesse mesmo período, no Rio de Janeiro, então capital da república, em 1937, era fundada a Associação da Imprensa Libanesa, (KHATLAB, 2002). Para Lesser (2000), o papel social destes veículos e associações pode ser considerado ambíguo, pois, por um lado temos o uso do árabe nas publicações, o destaque à vida associativa e a constante atenção aos acontecimentos políticos do país de origem que contribuem para a manutenção dos laços antes do processo migratórios, de memória, do imaginário; de outro, observamos orientações sobre como se estabelecer no novo ambiente, na nova terra, um estímulo à dinâmica de aculturação. Além disso, segundo o autor:

Na medida que os imigrantes mandavam buscar seus familiares para ajudar a expandir seus negócios, a nova riqueza contribuiu para o surgimento de novas instituições e organizações comunitárias. E uma das mais importantes destas foi a imprensa em língua árabe, que tinha uma função dupla e contraditória. Enquanto o uso do árabe ajudava a manter a cultura pré-migratória, os artigos sobre como negociar a vida no novo ambiente [...] contribuía para a aculturação dos imigrantes do Oriente Médio. (LESSER, 2000, p. 107)

12

Isto posto, ressalta-se que muitos desses periódicos foram criados, em sua maioria, por uma classe de trabalhadores liberais ligados às atividades jornalísticas, políticas e literárias antes da imigração. Estes profissionais eram jovens intelectuais árabes oriundos de renomados centros de estudo, como a Universidade Americana de Beirute, e pertenciam a uma classe cultural que se diferenciava dos demais imigrantes que chegaram ao país, tendendo menos à mascateação e mais a criar jornais e fundar grupos associativos, como vimos ao longo deste trabalho.

Considerações finais

Para além de um exercício científico, compreender como esses imigrantes fizeram uso de suas narrativas através dos jornais e revistas impressos no Brasil durante a primeira metade do século XX nos parece fundamental para recontar a história daquilo que hoje chamamos de nação, mesmo que utopicamente.

Não por menos, as discussões políticas destacadas nestes periódicos legaram para a comunidade árabe-brasileira presente o sentido de pertencimento e representação que, por vezes, destaca-se das demais comunidades migrantes no Brasil. Basta observarmos o significativo número de representantes políticos no poderes Legislativo e Executivo brasileiros, como, por exemplo, Fernando Haddad, Alexandre Kalil, Michel Temer e Geraldo

Alkmin, todos oriundos de famílias sírio-libanesas, tema este que carece de pesquisas mais aprofundadas e que deixamos aqui como sugestão e lacuna a ser preenchida em futuras investigações.

Logo, neste estudo apresentado, nos parece clara a necessidade de pesquisarmos e atentarmos cada vez mais para os movimentos migratórios no Brasil para muito além de um simples olhar instrumental e mecânico, ou seja, o migrante para além de sinônimo de mão-de-obra, característica que é a ele imposta, assim como nos lembra Sayad, literatura sempre pertinente nos estudos migratórios e comunicacionais.

Desta forma, concluímos que foi justamente através dos jornais impressos que estes indivíduos encontram seu melhor refúgio e expressão, sua voz política. Através da mídia impressa na diáspora, esses imigrantes conseguiram comunicar as lutas ideológicas presentes na Síria e no Líbano além de encontrarem, de diferentes maneiras discursivas, um meio de desconstruir as imagens estigmatizadas pela população brasileira e assim reinventar e reescrever suas próprias trajetórias em constante diálogo com seus países originários. Ao refletirmos sobre a produção geral destes periódicos e as mídias árabes na diáspora observamos que o perfil político destes periódicos foram decisivos e fundamentais para a independência da Síria e do Líbano enquanto formadores de opinião pública em nível internacional.

Destacamos assim que uma das principais características deste mídia migrante no começo do século XX foi a de reiterar e reafirmar as questões políticas em prol da independência colonial em ambos os territórios, principalmente as de cunho arabista. Mesmo em um país estrangeiro, os jornalista imigrantes que aqui viviam estavam sempre conectados com o que estava acontecendo no Oriente Médio e também vinculados ao Brasil, com todas movimentações políticas que aqui aconteciam, principalmente aquelas que envolviam a sua própria comunidade.

A mídia impressa migrante na diáspora como instrumento político demonstrou assim ser um imprescindível veículo de socialização e construção de discursos importantes nos espaços urbanos na primeira metade do século XX tanto para a inserção da comunidade árabe no Brasil, contribuindo para inclusão destes imigrantes no contexto social e cultural brasileiro, algo que reflete até os dias de hoje, quanto para aqueles que lá permaneceram, na Síria e no Líbano.

Referências

AMORIM, Nayara. **A Integração dos imigrantes sírios e libaneses no cenário urbano brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) UFU, 2010.

CURI, Guilherme. **O Mahjar é aqui: a comunicação contra-hegemônica dos intelectuais árabe- brasileiros**. 2018. Tese. Programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

DEMANT, Peter. **O Mundo Mulçumano**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

FAHD HAJJAR, Claude. **Imigração árabe: cem anos de reflexão**. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

FAHRENTHOLD, Stacy. Transnational Modes and Media: The Syrian Press in the Mahjar and Emigrant Activism during World War I. **Mashriq & Mahjar**, Carolina do Norte, V.1, N.1, p. 30-54, 2013.

HADJAB, Patrícia Dario El-moor. **Alimentação, Memória e Identidades árabes no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOURANI, A. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Ed. Schawarcz, 2013.

KARAM, John Tofik. **Um outro arabesco. etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal**. Ediora Martins. São Paulo, 2009.

KHATLAB, Roberto. **Brasil-Líbano: A amizade que desafia a distância**. Bauru-SP, EDUSC, 1999.

_____. **Mahjar: saga libanesa no Brasil**. Zalka – Líbano: Ed. Mokhart, 2002.

KNOWLTON, C.S. **Sírios e Libaneses: mobilidade social e especial**. São Paulo: Anhambi. 1961.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Ed Unesp, 2001.

MEIHY, M. **Os Libaneses**. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural**. Rio de Janeiro: Cidade Viva: Instituto Cultural Cidade Viva, 2010.

RANCIÈRE, Jaques. **O Desentendimento: política e filosofia**. São Paulo. Editora 34, 2018.

SAFADY, Jorge. **Antologia Árabe do Brasil**. São Paulo: Ed. Comercial Safady Ltda., s/d.
_____. **A Imigração Árabe no Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1972.

SAID, Edward. W. **O orientalismo. O oriente como invenção do ocidente.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

_____. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANCHES, Marcela. **Nova Andaluzia : a memória da intelectualidade árabe no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

SAYAD, Abmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** São Paulo, EDUSP, 1998.
TRUZZI, Oswaldo. **A presença árabe na América do Sul.** História Unisinos, vol. 11: 359-366, 2007. 268.

_____. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo.** Ed. Unesp, 2008.

ZEGHIDOUR, Slimane. **A poesia árabe moderna e o Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

Recebido: 11 jun 2020

Aprovado: 15 set 2020